

# O LAR E O TRABALHO

JORGE VAN. BÉRARD

Psicólogo

Reinteradas vezes temos falado sobre a harmonia e o equilíbrio que existe na natureza, onde tudo é perfeito. Sabemos que existe noite e dia, porém bem poucos são aqueles que têm plena consciência de que durante a noite toda a natureza repousa, para que no dia seguinte o trabalho seja possível. Sabemos que o coração bate, bate sem cessar, mas até mesmo alguns médicos não têm consciência de que durante a diástole (momento em que o coração se expande e se enche de sangue) o coração repousa para que possa trabalhar, de fato, contraindo-se e bombeando o sangue para todo o organismo. Todo mundo anda, porém quantos sabem que, no andar, quando ambas as pernas estão juntas, o andante está repousando? A sombra, no desenho, e a pausa, na música, são repousos também. Repouso é a base da ação e, ambos, poderíamos dizer, são a vida em harmonia, em progresso, em realização. O lar e o trabalho, ambos se completam, complementam um ao outro nos dois aspectos fundamentais de cada ser humano: o homem coração (lar) e o homem intelecto (trabalho). Um é o repouso do outro. No lar o homem se realiza através do seu aspecto emocional; ama e é amado pela mulher e filhos; no trabalho o homem se realiza através do seu aspecto intelectual, cognitivo. No lar o homem transcende à própria vida vendo a sua família com os olhos do amor. No trabalho o homem se realiza através da objetividade, que não admite influências subjetivas nem condições mutáveis do conhecedor. Em ambos, porém, no lar e no trabalho, o homem vê desenrolar-se antes seus olhos o valor total da vida.

Jung criou quatro tipos psicológicos e colocou-os numa rosa dos ventos para descrevê-los melhor em pares opostos. Chamou de função superior o tipo predominante, e de função inferior, o tipo que, em oposição ao predominante, achase mergulhado no inconsciente e, portanto, não caracteriza o indivíduo. Esses tipos psicológicos são funcionais, o que quer dizer: são as armas através das quais as pessoas conseguem as coisas na vida, "funcionam" no mundo.

Se você deseja seguir melhor as idéias de Jung, tome uma folha de papel e um lápis. Desenhe um pequeno círculo e dentro dele escreva

"EGO", centro da sua personalidade. Desenhe agora, partindo do círculo, quatro linhas: uma norte, outra sul, outra leste e ainda outra oeste. No topo da norte escreva COGNITIVO ou intelectual; na parte inferior da linha sul escreva SENTIMENTO, emoção, coração; no oeste anote INTUITIVO, e na leste PERCEPTIVO. Temos então quatro tipos psicológicos, em pares opostos.

Cada tipo tem seu aspecto positivo e também o seu aspecto negativo. O cognitivo é o tipo para quem dois e dois sempre igualam a quatro, sua ideação é concreta, fatural e objetiva. Vê o mundo, as pessoas e as coisas através de um raciocínio lógico e muito coerente. É o tipo objetivo, é o cientista. O tipo SENTIMENTO, ou também chamado emoção, é o indivíduo que, para pensar precisa antes "sentir"; e sua lógica é a lógica do coração. Contacta o mundo e as pessoas através do sentimento. É sociável e tem grande capacidade artístico-creativa. Seus sentimentos são multicoloridos. O PERCEPTIVO, ou também chamado sensação, deleita-se e vê o mundo e as pessoas através de experiências concretas — contatos de fortes impressões prazerosas. O INTUITIVO, predominantemente feminino, capta as possibilidades, descobre coisas, prevê os objetivos e caminhos via intuição, ou seja, o conhecimento via inconsciente. Sabe o por que, mas não é capaz de explicar o como!

É óbvio que as coisas não são tão simples como aqui apresentadas. Em seu livro "Tipos Psicológicos", de 470 páginas, Jung dedicou 385 à fundamentação de sua teoria e, somente o restante, 85, à descrição propriamente dita dos tipos.

O homem ideal, o homem do futuro, para Jung, seria o homem redondo, o homem que tivesse atingido um grau de evolução tal que as quatro funções psicológicas estivessem equilibradas. Mas esse homem não existe, ou melhor, o homem redondo, completamente redondo, contar-se-ia nos dedos de u'a mão! E nós, o que fazemos para atingir esse equilíbrio?

Viver a plenitude da vida a que temos o direito inalienável com filhos de Deus. Através do coração e do conhecimento (sentimento e intelecto), vivendo cada um deles em separado e ambos em conjunto, numa síntese feliz, sempre que a vida nos proporciona as oportunidades. E ela sempre nos oferece mil oportunidades para esse viver redondo.

Esse processo de crescimento, esse vir-a-ser um homem redondo, Carl Roger chama-o de "tornar-se pessoa"; Jung, de processo de individuação, quando o homem anda em direção a si mesmo e atinge a sua essência, o seu "self"; os católicos chamam de descobrir o "Cristo em nós"; os orientais, de nirvana. Lembrem-se do filme Shangrilá que, no final das contas, nada mais era do que um estado de espírito? Outros, ainda, chama-no de "transcender". Transcender os estados em que nos encontramos para atingir uma dimensão espiritual em que, embo-

ra ligados à dimensão matéria, possamos, ao mesmo tempo, viver e atuar numa dimensão cósmica.

O dia-a-dia nos oferece inúmeras oportunidades necessárias para esse crescimento. No nosso trabalho temos que atuar como um cientista: sermos sóbrios, constantes, fatuais, objetivos. No trabalho lidamos com o concreto e não podemos admitir nenhum compromisso entre o certo e o errado. Nas medidas científicas, temos que ser rigorosamente certos, e não podemos admitir influências subjetivas nem nossas próprias condições mutáveis. Na ciência dois mais dois sempre igualam a quatro.

No lar, onde atuamos (pelo menos devemos) com o coração, dois e dois nem sempre igualam a quatro. As vezes podem ser dez! Sentimos nossos filhos como eles realmente são. Damos a eles o nosso amor e, no relacionamento para com eles, prevalece sempre a lógica do coração — bem diferente da lógica da matemática. Quando, aos domingos, vamos passear com nossa família, nossos amigos, com aqueles a quem amamos, não somente contactamos com eles através dos sentimentos, mas nos relacionamos também com o meio ambiente. Apreciamos, porque sentimos, as árvores, os rios, os vales, as montanhas. A presença deles dá um sentido todo especial, transcendental mesmo, a tudo o que vemos, porque vemos através dos olhos do coração. Se admiramos um pôr-do-sol em companhia de quem amamos, esse pôr-do-sol enche nosso coração e nos faz sentir toda a intensidade do infinito. O amor faz-nos pular do relativo — do mundo das formas e da gravidade — para o absoluto, o infinito, onde não há nem tempo nem espaço, mas bem aventuraça.

Tomamos uma criança ao colo e brincamos com ela. Ela nos fala, sorri e tem peso. A confiança total que ela em nós deposita, com toda a sua inocência animada, abre-nos as portas do coração e, de repente, nos sentimos fora deste mundo da matéria. Transcendemos. Sentimo-nos co-responsáveis pela existência daquele pequenino ser. Aquela criança nos ajudou a sair do mundo relativo das coisas para entrarmos no mundo absoluto, de onde provém toda a força da criação, de Deus. Aquela criança nos ajudou a transcender a nossa própria vida.

Lar e trabalho se completam e se complementam. No lar o homem se realiza através dos sentimentos, da cogitação emotiva, da lógica do coração, do pensar sentindo. No trabalho o homem se realiza através do intelecto, das cogitações precisas, da objetividade, do realismo sóbrio, da extensão do raciocínio. No lar ele é o artista. No trabalho ele é o cientista.

Em ambos, porém, no lar e no trabalho, o homem vê desenrolar-se ante seus olhos o valor total da vida. Ele sente o "Cristo em si". Ele "torna-se pessoa", ele atinge o seu "self", ele penetra no Shangrilá, ele chega ao Nirvana, ele atinge a bem-aventurança.

É o seu encontro com Deus.